

anúncio das trompas; o tormentoso *tutti* que antecipa a célebre cena da Garganta dos Lobos; a poética canção de *Agalba*, impregnada de um impressionante senso da natureza; a presença de *Max* e do sinistro *Samiel* – tudo está ali, maravilhosamente conduzido, de modo a fazer dessa abertura um dos fragmentos sinfônicos mais belos do primeiro Romantismo musical alemão.

Pola Suárez Urtubey

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Concerto nº 1 para Piano e Orquestra, em Dó maior, opus 15

História

De início, Beethoven procedeu à composição dos concertos para piano com cautela, de forma análoga a seu proceder na esfera da sinfonia, embora quando jovem, em 1784, já tivesse escrito, em Bonn, um Concerto para Piano, em Mi bemol maior, com o qual não se mostrou satisfeito. Ao que parece, ele tinha plena consciência de que só se imporia ante as poderosas criações de Mozart, cujo âmbito predileto fora o concerto para piano, com algo concludente.

Assim, em meados dos anos 90 do século XVIII, Beethoven ocupou-se logo com dois concertos para piano. O Primeiro, em Dó maior, chamado de nº 1, opus 15, surgiu mais tarde do que o outro, em Si bemol maior, opus 19, como informa o mestre em carta de 22 de abril de 1801 à editora Breitkopf & Härtel. A partitura foi esboçada nos anos 1795/96 e completada em 1798. A questão de sua data de estréia é controversa. Supõe-se que Beethoven tenha feito a primeira apresentação da obra já em outubro de 1798, na Sala de Concertos de Praga. O certo é que o mestre a executou em 2 de abril de 1800, em Viena, em concerto por ele mesmo organizado, ocasião na qual estreou também o Septeto opus 20 e sua Primeira Sinfonia, opus 21.

Nos manuscritos do compositor existem quatro cadências, três no primeiro movimento e uma breve cadência no terceiro, que supostamente Beethoven elaborou e anotou só em 1809, para um aluno seu, o arquiduque Rodolfo. O Primeiro Concerto para Piano é dedicado à princesa Barbara Odescalchi, nascida condessa Keglevics, aluna de Beethoven.

Posição Estilística

No álbum de seu protegido Beethoven, antes da segunda viagem do compositor a Viena, em 1792, o conde Ferdinand von Waldstein escreveu: “[...] com

afinco ininterrupto alcançarás o espírito de Mozart pelas mãos de Haydn”. Esse prefácio de seu protetor serviu a Beethoven como fio condutor das composições de seu primeiro período criativo (1792/1800), ainda plenos do espírito otimista da juventude.

Também em seu Primeiro Concerto para Piano o compositor partiu dos dois grandes mestres vienenses. O frescor e a despreocupação do primeiro movimento, e sobretudo a animada nota que encerra o rondó, com seu tema principal de contornos rítmicos delineados e as duas idéias secundárias, talvez brotadas do solo da música popular vienense, indicam a ascendência de Haydn. O *Largo*, ao contrário, com seu nobre *cantabile*, prende-se mais ao espírito de Mozart, e as bem-proporcionadas transições do andamento principal para o andamento médio (compassos 19/29) e de volta para o andamento principal (compassos 43/53), bem como a ampla elaboração da coda, revelam a rica filigrana artística do compositor.

Em outras partes da obra também afloram traços típicos da particularidade beethoveniana: a predileção pela múltipla mudança de tom no interior de um movimento, os acentos nos compassos fracos, o espaço de movimentação composicional pleno de fantasia e variedade, sobre o qual se desdobram os temas, o aspecto retardante, que age como fator de tensão pouco antes do fecho da obra, e, ainda, a sutil diferenciação da dinâmica, que remonta à escola de Mannheim.

Robert Schumann (1810 – 1856)

Sinfonia nº 4, em Ré menor, opus 120

Quatro sinfonias figuram na produção de Robert Schumann, que se iniciou nesse domínio a partir de 1841. É bem sabido que a obra do compositor se delineia acompanhando períodos da sua vida e acontecimentos íntimos ligados a ela. Assim, a parte fundamental da sua música para piano surge entre os anos de 1830 e 1839. Em 1840, ano do seu ansiado casamento com Clara Wieck, ele se dedica à composição de *lieder*. “Eu gostaria de cantar como o rouxinol, até morrer”, disse. E escreveu mais de uma centena de canções, algumas das quais estão entre as mais bonitas produzidas por todo o século Romântico.

A partir de 1841, como já assinalamos, começa sua produção sinfônica, embora surjam paralelamente várias das suas obras-primas de música instrumental de câmara, novos *lieder*, seus oratórios, a ópera

